

Uma missão e tanto: colaborar para o desenvolvimento do setor para o País, já que a indústria farmacêutica brasileira é refém do preço dos farmoquímicos praticados no Exterior

Tecnologia nacional

Nice Bulhões
DA AGÊNCIA ANHANGUERA
especialista@rac.com.br

Recentemente, o professor titular do Instituto de Química da Universidade Estadual de Campinas (IQ-Unicamp), Luiz Carlos Dias, membro do Comitê Gestor do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Fármacos e Medicamentos (INCT-INOVAR), cuja sede é na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi contatado pelo presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Jorge Almeida Guimarães, para uma nova missão: como a Capes pede para ajudar a avançar, urgentemente, o setor da farmoquímica no Brasil. "Ele é indispensável para o enfrentamento dos novos desafios na área da indústria farmacêutica que apresenta enorme déficit na balança de pagamentos", explica Dias. A preocupação é ampliar a gama de medicamentos genéricos, com produção nacional.

Desenvolver um genérico verde-amarelo é um grande desafio

Para isso, segundo ele, foram criados dois grandes consórcios de indústrias farmacêuticas, com base nas empresas nacionais com co-financiamento do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). "O Calcanhar de Aquiles é o setor da farmoquímica, onde o déficit comercial é da ordem de vários bilhões de dólares", diz Dias. "Assim, a Capes pretende organizar um seminário com essa temática e seus inúmeros desafios e, como a pós-graduação pode atuar nisso. Chamaremos, além da área de Química, outras áreas afins, em especial a Farmácia, a indústria, os INCITS, a Associação Brasileira das Indústrias de Química Fina (Abifina) e órgãos de governo, como Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), BNDES, Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia (Inmetro), Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) e Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Na conclusão do seminário, segundo Dias, a expectativa é que surja a oportunidade de gerar uma ação específica

"Além de fornecer todas as condições de infraestrutura aos seus pesquisadores, uma das metas do IQ-Unicamp é montar uma estrutura para escalonamento primário, de modo a possibilitar maior avanço na área de genéricos, permitindo a obtenção de princípios ativos de medicamentos e insumos importantes para a preparação dos mesmos em escala de 1kg, fundamental e uma de nossas prioridades"

ANTONIO CLÁUDIO HERRERA BRAGA
diretor associado do Instituto de Química da Unicamp



Luiz Carlos Dias, professor titular do Instituto de Química da Unicamp: ajuda no sentido de avançar o setor farmoquímico nacional

Sem dependência da matéria-prima importada

Para o químico Luiz Carlos Dias, do IQ-Unicamp, hoje a maioria das indústrias farmacêuticas de genérico trabalha como "montadoras". "Hoje, trazemos os princípios ativos de outros mercados, como Índia e China, e embalamos aqui. Temos muito a progredir para chegar a ponto de um dia podermos ter realmente pesquisa e desenvolvimento em nossas farmoquímicas. Mas, é certo que temos de fato alguns exemplos louváveis de pesquisa e desenvolvimento em algumas empresas do setor", avalia Dias. "Estamos em busca do

genérico 100% nacional e por isto estamos desenvolvendo novas rotas de síntese de medicamentos, cujas patentes já venceram ou estão próximas a expirar. O nosso objetivo é tentar não depender mais da matéria-prima importada e buscamos desenvolver, na medida do possível, a rota de síntese de cada intermediário envolvido no processo." Mas, segundo ele, desenvolver um genérico 100% nacional é um grande desafio e diversos são os fatores que dificultam a sua produção. "Infelizmente, no Brasil temos poucos laboratórios dedicados ao

escalonamento primário e esta é uma das barreiras que precisam ser transpostas para se chegar ao genérico 'verde-amarelo'. Precisamos de maior protagonismo das empresas e nossa indústria química, que é uma das maiores do mundo, tem um papel fundamental: o de fornecer os insumos e materiais de partida necessários para podermos avançar de vez este mercado de genéricos. A iniciativa parte do meio acadêmico e precisamos articular parcerias com as farmoquímicas interessadas", avalia Dias. "Precisamos de uma política de Estado."

para o fomento à formação de recursos humanos nessa área e como podemos ajudar a avançar o setor farmoquímico nacional. "Como docente do IQ-Unicamp, em colaboração com o INCT-INOVAR, trabalho na preparação de princípios ativos de medicamentos genéricos", explica. "Buscamos identificar quais medicamentos estão com patentes prestes a expirar e que possam representar importantes possibilidades mercadológicas, com impacto para o

Programa Farmácia Popular e o Sistema Único de Saúde (SUS). Até o momento, concluímos a síntese química da atorvastatina, princípio ativo do Lipitor, medicamento mais vendido no mundo, utilizado para redução de níveis de colesterol." No início de 2011, a Unicamp anunciou um método mais barato de fabricar a atorvastatina. Mas, ainda não é feita a produção industrial através desta rota. "Temos ainda alguns desafios a melhorar,

como tentar tornar a rota de obtenção deste princípio ativo ainda mais curta, barata e eficiente. Há alguns insumos que não são disponíveis no mercado nacional e isto implica em um custo ainda alto pois precisamos importá-los", explica Dias. O IQ-Unicamp chegou a receber o Prêmio Reconhecimento Técnico, concedido no 5º Encontro Nacional de Inovação em Fármacos e Medicamentos (EniFarMed) em virtude da contribuição inovadora para a obtenção da

atorvastatina, princípio ativo do Lipitor. "Nos incentivamos muito a continuar colaborando, mas estamos buscando muito mais do que premiações, buscamos colaborar de forma contante para o crescimento e desenvolvimento deste setor para o País", diz Dias.

Agora, segundo o químico, o IQ-Unicamp acaba de concluir a preparação do princípio ativo de outro medicamento genérico, em escala de 2g. "Devemos iniciar em breve outros trabalhos, mas estamos dependendo de uma análise mercadológica de potenciais candidatos", explica Dias. Para ele, apesar de terem entrado no mercado brasileiro há pouco mais de 10 anos, são poucos os medicamentos genéricos que são produzidos com tecnologia nacional, sendo que o Brasil hoje é totalmente dependente de insumos importados de mercados produtivos distantes, como China e Índia. "Podemos afirmar que a indústria farmacêutica brasileira, inclusive a de genéricos, é refém do preço dos farmoquímicos praticados no Exterior. O Brasil está entre os maiores mercados consumidores de medicamentos do mundo e é o primeiro na América Latina. O mercado de genéricos no Brasil movimentou muitos bilhões de reais em vendas, sendo que desde 2006, é um dos que mais cresce no mundo."

EU APROVO



"A princípio, só havia remédio de referência. Hoje, temos ainda o genérico e o similar. O preço do medicamento com o genérico caiu pela metade em relação ao de referência. Isso ajudou muito na questão financeira e social, já que o acesso foi ampliado ao tratamento. Ainda temos os similares, mas ainda prefiro os genéricos porque tomei remédio similar e não teve o efeito esperado. Eu tomei nimesulina (anti-inflamatório) porque tive torção no joelho. O preço do genérico é bem mais em conta e resolve como o de referência."

MARCELO SANTOS

38 anos, gerente da banca Palácio

Fotos: Diogo Zacarias/Especial para AAN



"O genérico é muito mais em conta e resolve o problema. Foi ótimo ter criado essa versão. Eu sempre que tenho de tomar alguma medicação pergunto se há genérico. O efeito é o mesmo de um de referência."

JUSSARA APARECIDA SANTOS

21 anos, caixa



"Dependendo do genérico é bom, mas depende da empresa fabricante que produz. Eu vejo também a marca da indústria. Eu já tomei genérico e recomendo por ser mais acessível."

ALEX HENRIQUE BROTO

15 anos, estudante



"Quando foi lançado, o genérico teve mais força, inclusive o preço era ainda mais barato. Sei que continua mais barato que o de referência. O problema é que o salário de aposentado não dá para nada. De 2006, aumentou R\$ 200. Mas, a sorte dos aposentados é que ainda existe o genérico porque saque para nós não é luxo. O problema é que remédio é muito caro e a nossa aposentadoria não dá conta. Sem contar que a gente vai ao posto de saúde e não encontra remédio."

JORGE DE JESUS

68 anos, aposentado

OPINIÃO DO ESPECIALISTA

Odnir Finotti

presidente da Pró Genéricos

Importância dos medicamentos genéricos para o Brasil

Desde que os primeiros medicamentos genéricos foram lançados no Brasil, em fevereiro de 2000, o impacto destes produtos no mercado farmacêutico são perceptíveis. Além de contribuir para a ampliação do acesso a medicamentos, tendo em vista que são produtos significativamente mais baratos que os medicamentos de referência, a chegada dos genéricos proporcionou a indústria farmacêutica um caminho que permitiu a ampliação de parques industriais, desenvolvimento de linhas de pesquisa de novos produtos, contratação de mão de obra especializada, otimização de processos logísticos entre outros aspectos. No ranking das 10 maiores empresas do mercado, 45 fabricam medicamento genéricos. Atualmente temos capacidade produtiva da ordem de 610 milhões de unidades,

oriundas de 15 plantas industriais, que exportam para países da união europeia, Canadá, América Latina, Austrália, Nova Zelândia e Oriente Médio. São as empresas brasileiras se tornando multinacionais. Se no ano 2000 tínhamos somente 8 empresas fabricantes, hoje são 101 empresas que se dedicam a fabricar e/ou comercializar genéricos. A geração de impostos também aumentou consideravelmente, contribuindo para o crescimento da região onde a empresa está instalada. Se por um lado as vendas de genéricos superaram 5,5 bilhões de dólares no acumulado de 12 meses (dados do IMS Health Março 2012), por outro lado temos que reconhecer que 25% de market share é ainda um índice distante do nosso potencial de mercado se compararmos com outros países. Nos EUA e Japão, por exemplo, os genéricos detêm mais de 50% de participação de mercado. Os genéricos embora estejam entre os produtos mais lembrados pela população, precisam de maior adesão por parte da classe médica e das autoridades de saúde. Temos observado um crescimento significativo da dispensação de medicamentos genéricos no Programa Farmácia Popular, indicando que o processo de intercam-

bialidade, previsto na Lei dos genéricos é uma realidade quando falamos de repositório médico. Trata-se de um produto confiável, seguro e de excelente qualidade, comprovados através de testes obrigatórios exigidos pela Anvisa. Desde 2000 já gerou mais de US\$ 26 bilhões em economia para os consumidores, contribuindo de forma decisiva para o tratamento de pacientes crônicos. Muito ainda temos por fazer para melhorar o acesso da população aos medicamentos de baixo custo. Recentemente, uma série de disputas judiciais envolvendo discussões sobre o prazo de validade patentrária dos medicamentos inovadores tiveram desfecho favorável ao setor e a sociedade. Com isso, um conjunto de novas drogas, mais modernas e eficazes, foram disponibilizadas para toda a sociedade. Além disso, também temos tido um apoio consistente da Agência de Vigilância Sanitária, que não tem medido esforços para que o genérico possa colaborar de forma cada vez mais efetiva para a saúde pública no Brasil. Este é um dos trabalhos que a Pró Genéricos desenvolve visando atender ao anseio da sociedade que busca produtos de qualidade, segurança e eficácia, aliado ao preço competitivo.